

# “OBJETOS MATERIAIS” OU DOCUMENTOS QUE VEICULAM CRENÇAS?

por

Armando Malheiro Silva<sup>1</sup>

Teresa Silveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Propõe-se uma reflexão, à luz da Ciência da Informação, sobre a dualidade entre o valor físico dos objetos e neste contexto, o documento e a sua função simbólica na transmissão de crenças, *vide* informação; analisando este objeto material no fenómeno info-comunicacional. Os documentos, suportes e por isso objetos materiais podem ser mais do que simples itens palpáveis; eles frequentemente carregam significados culturais, religiosos ou ideológicos, já que contêm informação resultante da mente humana. Desempenham um papel fundamental na relação entre cultura e crença, uma vez que constituem um meio, um registo que imortaliza a transmissão de valores, tradições e práticas ao longo do tempo. Materializando o conjunto estruturado de representações racionais e emocionais codificadas modeladas socialmente (mentais), passíveis de serem registadas num qualquer suporte e de serem partilhadas (comunicadas) de forma síncrone e a-síncrone, uni e multidireccionada, o documento (o objeto, o suporte) torna-se um elo essencial entre passado, presente e futuro, fortalecendo identidades e promovendo a evolução societal. Constitui um elemento de estudo no âmbito da Ciência da Informação mas colocando-o na posição mediadora que lhe cabe: Informação — Média-Documento-Média — Comunicação.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação; documento; info-comunicação.

**Abstract:** A reflection, from the perspective of Information Science, on the duality between the physical value of objects and, in this context, the document and its symbolic function in the transmission of beliefs, *vide* information; analysing this material object in the info-communication phenomenon. Documents, considered as supports and therefore material objects can be more than just tangible items; they often carry cultural, religious or ideological meanings, since they contain information resulting from the human mind. Documents play a fundamental role in the relationship between culture and belief, since they provide a meaning, a record that immortalizes the transmission of values, traditions and practices over time. The document, materializing the structured set of codified rational and emotional representations modelled socially (mental), capable of being recorded in any medium and shared (communicated) synchronously and a-synchronously, uni- and multi-directionally (the object, the medium), it becomes an essential link between past, present and future, strengthening identities and promoting societal evolution. It constitutes an element of study within the scope of Information Science, but placing it in its rightful mediating position: Information — Media-Document-Media — Information.

**Keywords:** Information Science; Document; Info-communication.

---

<sup>1</sup> CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0491-3758>.

<sup>2</sup> CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1502-318X>.

## INTRODUÇÃO

O lugar epistémico a partir do qual damos nosso contributo neste Colóquio é a Ciência da Informação (CI), que importa esclarecer desde já, pois não é expressão muito conhecida fora de restritos meios. Herdeira de um legado milenar associado à invenção da escrita e do aparecimento de Bibliotecas, Arquivos e Museus na Antiguidade Clássica e sua reinvenção no séc. XVII, após a Revolução Francesa.

O Estado Nação romântico e nacionalista de oitocentos colocou esses “inventos” modernos ao seu serviço e neles germinaram os práticos saberes da Arquivística, da Biblioteconomia e da Museologia, comprometidos com a égide da História (geral e da Arte), da Filologia, da Teoria Literária e conhecimentos correlatos. Património e Cultura tornaram-se os conceitos-chave desse legado que agora está integrado num campo científico ampliado, em que as Tecnologias da Informação e da Comunicação tornaram-se assaz relevantes. E o seu impacto no processo histórico global das últimas décadas já permite perceber que entramos num novo ciclo e não apenas em uma nova conjuntura. Estamos imersos numa nova Era — da Informação ou Digital. Nova Era, que exige reconfigurações profundas nos saberes e dos fazeres e compreensivelmente o campo da documentação/informação não podia ser dos mais imediata e profundamente afetados. Daí que se impusesse alterações no modelo epistemológico e formativo (Silva & Ribeiro, 2002), o que sucedeu na Universidade do Porto com o fim do Curso de Especialização em Ciências Documentais e a criação da Licenciatura em Ciência da Informação (2001), iniciativa conjunta das Faculdades de Letras e de Engenharia da Universidade do Porto, a que se seguiram cursos de pós-graduação (Mestrado e Doutoramento, 2008).

Hoje, esta CI renovada pode definir-se como a ciência social aplicada que investiga os problemas, os temas e os casos relacionados ao fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacional; uma ciência que estuda o ciclo elíptico do fluxo informacional contínuo — origem, recolha, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, uso e transformação da informação. O objeto da CI é, pois, esse fluxo informacional contínuo. Resta questionar o como é que este objeto de estudo se relaciona com a temática em pauta.

## CULTURA, PATRIMÓNIO E CRENÇA

Podemos considerar que esta ligação realiza-se de duas maneiras: primeiro articulando o conceito de objetos materiais com os conceitos operatórios de documento e de informação, postos em relação com cultura, património e crença. Em segundo, mostrando que a temática em foco interessa à CI como um “processo temático” com muitas ramificações e variantes e que hoje a mediação tecnológica e digital consegue colocar em acesso a qualquer utilizador/interessado a totalidade (ou quase) da informação pertinente na infosfera (internet). No entanto, esta é hoje um incomensurável labirinto em que os cientistas e profissionais da informação têm de ajudar a criar o indispensável de fio de Ariadne.

Os conceitos, usados como título, não são operativos, a não ser o de documento, associados a informação e a comunicação. Cultura (do latim *cultura*) é um conceito com várias aceções, sendo a mais corrente, especialmente na Antropologia, a definição genérica formulada por Edward B. Tylor (1870) segundo a qual é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

A definição de Tylor tem sido problematizada e reformulada constantemente, tornando a palavra “cultura” um conceito extremamente complexo e impossível de ser fixado de modo único. E hoje é usado de forma tão ampla e equivocada que nele cabe o material, o “imaterial” e o transcendental.

Sabemos, entretanto, que o conceito de Património e o de Crença cabem dentro do de Cultura, sendo a inserção daquele a mais óbvia. Em direito, “bem” é, por vezes, um sinónimo de “património”. O inventário seria o primeiro procedimento jurídico para se levantar o património de uma pessoa (o segundo seria o balanço patrimonial, para as pessoas jurídicas). Assim, no âmbito das pessoas físicas, património pode ser aquilo que foi deixado por alguém por herança. Portanto, pode-se afirmar que existem vários sentidos para o termo “património”: pode ser o conjunto de bens, direitos e obrigações de uma entidade; pode ser o conjunto de bens de uma entidade; ou pode ser o conjunto de bens de uma atividade (Diário da República Portuguesa, 2025), como no caso do património cultural (Wikipédia, 2024) património cultural e dentro deste o que lhe cabe, como arquitetónico, monumental ou documental.

O conceito de crença aplica-se a diferentes tipos de atitudes mentais, que podem ser classificadas usando algumas distinções básicas (Pascal, 2005; Prata, 2022). As *crenças ocorrentes* são conscientes ou causalmente ativas de outra maneira, enquanto as *crenças disposicionais* estão atualmente inativas (Prata, 2022). As *crenças plenas* implicam a aceitação sem reservas de que algo é verdadeiro, enquanto as *crenças parciais* incluem um certo grau de certeza com respeito à probabilidade. No seu significado principal,

crença é considerada como *crença-de-que*, ou seja, como uma atitude mental em relação a uma proposição ou um estado de coisas. Isto contrasta com o uso como *crença-em*, que geralmente refere-se à confiança em uma pessoa ou a uma atitude em relação à existência de algo. Este sentido desempenha um papel central na crença religiosa com respeito à crença em Deus. A crença enquanto estado mental codificado e externalizado (documentado) cabe na abordagem que aqui nos ocupa.

O esquema abaixo ilustra o papel relacional que o documento assume na materialização e potencialização da comunicação e por isso, um objeto de perpetuação da cultura e da(s) crença(s).



Fig. 1. Posição do documento na relação Cultura e Crença

Através da análise da Fig. 1 demonstramos e concluímos que o documento desempenha um papel fundamental na relação entre cultura e crença, servindo-se do documento, como um meio, um registo que imortaliza a transmissão de valores, tradições e práticas ao longo do tempo. Portanto, o documento, independentemente do seu suporte, preserva e perpétua o conhecimento, legitima crenças e permite a continuidade cultural, garantindo que as gerações futuras possam compreender e reinterpretar esses aspetos conforme as novas realidades geradas, naturalmente, pela evolução do contexto, ou se quisermos, do “caldo-cultural do qual o Homem é agente de mudança e de adaptação. Dessa forma, o documento (o objeto, o suporte), torna-se um elo essencial entre passado, presente e futuro, fortalecendo identidades e promovendo a evolução societal.

## É O DOCUMENTO UM OBJETO MATERIAL?

Na original e marcante *Enciclopédia Einaudi* o volume 1, o volume organiza-se em torno do conceitual Memória-História, contendo, entre outros, o “verbete” Documento-Monumento assinado pelo historiador da *École des Annales* ou *Nouvelle Histoire*, Jacques Le Goff. Aí o autor arranca com um título bem sugestivo: “Os materiais da memória coletiva e da história”. Nesta redação, o documento não é apenas um texto inscrito num pergaminho ou numa esbatida folha de papel. O documento é fonte para conhecimento do passado. Aí monumento tem na sua origem o ligar-se ao poder de perpetuação e usa-se para designar algo construído (pelo Homem ou surgido na Natureza) que merece ser perpetuado. Aí defende-se que o documento não é inócuo, o documento é uma coisa que fica, é monumento, resultando do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro — voluntaria ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. As categorias (ideologizadas pelo Estado-Nação e pelo “Estado Cultural”) de Património e de Cultura abarcam sem dificuldade este sentido historiográfico anti-positivista de documento-monumento.

Rodriguez Bravo publicou, em 2002, um livro intitulado *El Documento entre la tradición y la renovación*. A autora, bibliotecária e professora de Biblioteconomia e Documentação em Espanha deixa bem vincada a sua perspetiva sobre o conceito de documento no contexto da sociedade da informação. O sumário da obra — “A Ciência da Documentação; O Conceito de informação (um subponto é “A informação como ente material”); O Conceito de documento; O Documento de arquivo; O Documento digital; Arquivos e Bibliotecas Digitais” — evidencia, a reflexão aprofundada da autora que explora as diversas concepções existentes sobre este objeto, o documento, delineando a extensão e os limites do termo, identificando os seus componentes básicos, bem como os desafios que se colocam, fruto das inovações introduzidas pelo advento do documento (objeto) digital, que desafia as concepções tidas como tradicionais.

Em 1951 Suzanne Briet, uma discípula de Paul Otlet (1870-1944), defensor de um conceito amplo de documento (livro, revista, jornal, escritura notarial, correspondência oficial, pautas musicais, etc.), em *Qu'est-ce la documentation?* definiu documento através da alegoria do antílope. Este animal, simpático e herbívoro, na savana não é um documento mas se levado para um Jardim Zoológico ou para um Laboratório, a fim de ser estudado, passa, na perspetiva da autora a documento. Para Briet qualquer coisa inanimada ou qualquer organismo vivo se for motivo de pesquisa é um documento. Em alternativa e em contraponto a estas interpretações, há a possibilidade avisada de regressarmos ao sentido etimológico do termo: *documentum*, *docere* — meio de ensino ou de levar algo a alguém. E, se partirmos desta base semântica é natural que fixemos uma definição simples e radical: documento é informação registada num

suporte material, ou seja, conteúdos mentais (racionais e emocionais) do *Homo Sapiens* inscritos ou modelados em matéria externa. É, pois, o documento um objeto material? Sim, mas...

Numa rápida busca, com a ajuda de motores de busca como o Google<sup>3</sup>, permitenos saber que o objeto material seria um ente “material palpável ao qual se dirige o sujeito ou o que existe em si mesmo com todas as suas notas (que são as propriedades cognoscíveis e que se manifestam)” (2024). Um livro, um quadro, uma maquete de um edifício ou um edifício construído e habitável é um documento e é, de acordo com o sentido exposto, um objeto material.

## É O DOCUMENTO UMA FONTE?

Briet e Le Goff apresentaram o documento como uma fonte geradora de investigação e interpretação, indo assim muito além do que etimologicamente é uma ideia, um conteúdo plasmado ou inscrito na respetiva matéria de inscrição (suporte). Ser fonte não pode ser ignorado nem desvalorizado pela CI, na medida em que um documento/fonte gera uma variedade de documentos secundários, que compete aos cientistas e profissionais da informação (munidos, hoje, da mediação tecnológica ou digital) relacionar e tornar acessíveis de forma integral, aberta e ágil.

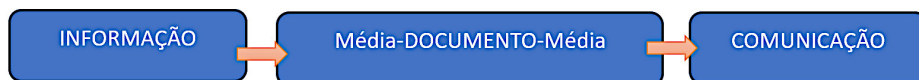
Neste sentido, expusemos atrás a definição de CI tal como a usamos e a ensinamos na Universidade do Porto e nessa definição o relevo ou foco de estudo científico está na informação e na comunicação ou info-comunicação, termo agregado que designa um fenómeno humano e social e que corresponde ao conjunto estruturado de representações racionais e emocionais codificadas modeladas socialmente (mentais), passíveis de serem registadas num qualquer suporte e de serem partilhadas (comunicadas) de forma síncrone e a-síncrone, uni e multidireccionada (Silva, 2006).

## DOCUMENTO E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A CI não desvaloriza o documento (o objeto) no seu estudo mas apenas o desconsidera como objeto de estudo, colocando-o na posição mediadora que lhe cabe. A Fig. 2 abaixo ilustra essa posição.

---

<sup>3</sup> Expressão de pesquisa: “objeto material”



**Fig. 2.** Posição do documento na relação Informação e Comunicação

Não obstante da posição central do objeto documento, na relação entre a informação e a comunicação, este atua como um meio essencial para inscrever, preservar e potencializar a transição de conhecimentos/informações<sup>4</sup> a médio e longo prazos. O documento assegura a materialização da intenção humana (informação), permitindo que ela seja partilhada e compreendida ao longo do tempo e em diferentes contextos. Além disso, na comunicação, o documento serve como um suporte confiável, organizando e estruturando, dados para garantir a clareza e a autenticidade da mensagem. Com a digitalização e a globalização, a sua função expandiu-se, tornando-se ainda mais dinâmica e acessível, reforçando o seu papel como elo fundamental entre a produção e a disseminação do saber e em última instância do “caldo-cultural”.

Desta forma, as crenças, que para a CI, são ideias e emoções codificadas encontram-se dispersas por diversos documentos. E esta evidência exemplifica-se de várias maneiras. Tomemos como exemplo a Vénus de Willendorf e a Turmalina negra natural. À luz da perspectiva da CI devem ser ambas consideradas documentos? A resposta é, não. A pedra esculpida, Vénus de Willendorf, para efeitos de crença e de veiculação de uma crença foi esculpida com uma intenção humana. Por outro lado, uma pedra (um rochedo com uma forma antropomórfica ou zoomórfica) surgida, naturalmente, num determinado lugar pode suscitar um culto e uma forte crença mitológica ou religiosa, mas sem ação humana sobre o objeto natural. Portanto, a crença liga os dois objetos materiais, porém só um é documento, que o mesmo é dizer que só um contém informação resultante da mente humana.

---

<sup>4</sup> Salvaguardamos estes dois termos, já que do ponto de vista da cognição, os termos conhecimento e informação são produto idêntico, diferindo-se na tipologia ou tipo de informação concreta. A cognição desempenha um papel essencial, destacando a importância da experiência do contexto e da capacidade de processamento do sujeito nesse processo. Em termos práticos significa que a comunicação entre sujeitos obedece à seguinte relação: o emissor transmite conhecimento que é recebido pelo recetor como informação. Após a sua interpretação, que requer raciocínio, bem como a ação de todos os processos cognitivos superiores, a informação passa, ou não, ao estado de conhecimento. Ou seja, foi integrada na rede de experiências e “memórias”, sendo posteriormente aplicada a outros contextos.

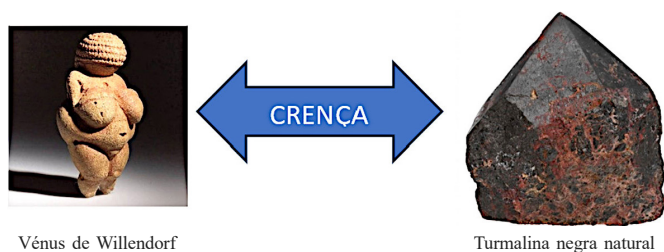


Fig. 3. Posição do documento na relação Informação e Comunicação

A intenção humana associada às competências cognitivas e de controlo motor permitem ao Homem criar documentos que materializa e imortaliza a informação ou as crenças como aqui se reflete. Os objetos materiais nos quais se inserem todas as intenções da mente por meio da escrita ou outros quaisquer sinais, imagens ou sons potencializam a disseminação e a perpetuação *por via* da comunicação, oral e/ou escrita da informação, na qual em CI pode significar crença(s).

Um outro exemplo, este mais atual e decorrente da potencialização das ferramentas digitais como é o caso da Europeana<sup>5</sup>, ilustra na perfeição a relação informação/documento, na qual a primeira se sobrepõe ao segundo. A Europeana, sendo uma plataforma digital europeia que disponibiliza acesso a um infindável conjunto de itens relativos ao património cultural da Europa, incluindo livros, obras de arte, fotografias, filmes, mapas e manuscritos é um exemplo completo de que a informação, quando materializada em suporte (autonomamente da natureza deste) sobrepõe-se ao documento. Cabe à CI agregar e organizar toda informação (criando as respetivas relações entre a similaridade e outras que sejam complementares, de natureza distinta mas relacional), independentemente dos suportes na qual está registada. Portanto, este trabalho que a Europeana leva a cabo não descora a relevância do documento mas coloca-o na sua posição de canal que materializa, contextualiza e possibilita uma maior difusão da mensagem, tal como a Fig.4, representou anteriormente.

<sup>5</sup> Criada em 2008 pela União Europeia, a Europeana reúne coleções de bibliotecas, museus, arquivos e galerias de diversos países, permitindo que o público explore a riqueza da diversidade cultural deste continente. Esta plataforma tem como objetivo preservar e democratizar o acesso à cultura, promovendo a educação, a pesquisa e a inovação digital. Além disso, ao integrar tecnologia e conhecimento, a plataforma facilita a conexão entre passado e presente, garantindo que a riqueza cultural do continente esteja acessível para futuras gerações. Assim sendo este objeto assume-se como um pilar crucial para e na valorização e difusão do legado cultural da Europa e no reforço da sua identidade.

A Europeana, por outro lado cumpre um outro papel fundamental ao agregar documentos muito diferentes, mas que transmitem mensagens iguais ou se não, similares. Este facto permite e proporciona uma visão mais ampla e contextualizada do próprio património cultural europeu, contribuindo para o reforço de uma identidade. Ao reunir documentos diversos possibilita a confrontação de perspetivas e interpretações sobre um mesmo tema. Este enriquecimento e a compreensão coletiva é possível, não apenas e só pelo advento das possibilidades tecnológicas mas também e desde sempre pelo trabalho levado a cabo pelos profissionais da informação, ou seja, devido à intervenção dos métodos de produção, organização, armazenamento, recuperação e difusão da informação. A Europeana não apenas preserva o passado, ela também fortalece a construção do conhecimento ao ligar múltiplas fontes numa rede acessível e interativa. O exemplo abaixo, retirados da Europeana ilustra isto mesmo:



Handkors, kors, hand cross, cross – Museum of Ethnography, Sweden  
– CC BY

Biblia – University Library Würzburg, Germany  
– CC BY-NC-SA

**Fig. 3.** Perspetiva da CI quanto à diversidade de documentos (suportes) v. à(s) similaridade(s) da mensagem que guardam

Estes suportes, distintos na sua natureza transmitem a mesma informação central: a fé cristã. Ambos comunicam a mensagem do amor, da redenção e da fé cristã: a Bíblia, com palavras e a cruz com um símbolo poderoso e universal que resume de forma soberana a história da salvação, dos ensinamentos de Cristo e dos princípios da fé cristã, evidenciando o amor de Deus pela humanidade, especialmente através da vida, morte e ressurreição de Jesus. Portanto, ambos são objetos que concretizam representações racionais e emocionais, codificadas e modeladas socialmente (mentais),

passíveis de serem registadas num qualquer suporte (documento) e de serem partilhadas (comunicadas) de forma síncrone e a-síncrone, uni e multidireccionada. Constituem, ambos, documentos que veiculam crenças (informação). São tidos e trabalhados como objetos materiais que permitem materializar e perpetuar o Património e a Cultura, *por via* da sua comunicação, em tempo real ou em diferido, em interação presencial num só espaço ou de um para muitos ou de muitos para muitos não importa onde estejam.

## CONCLUSÃO

Dito isto e para concluir, importa salientar que não pretendemos ser exaustivos na abordagem do tema sugerido para este encontro, salutarmente interdisciplinar, mas somente partilhar o modo como tem evoluído no campo da documentação/informação a respetiva, reflexão e o estudo a ponto de se compreender, hoje, que a CI superou o legado herdado do trabalho empírico e técnico arquivístico, biblioteconómico e museológico, convertendo-se numa ciência social, aplicada, capaz de dialogar de forma teórico-prática com todas as Ciências Sociais e Humanas, como quisemos que ficasse demonstrado em torno do tema que nos congregou a todos.

Quisemos, igualmente, salientar que à luz da CI ensinada na Universidade do Porto, os documentos, embora sejam objetos materiais, vão muito além de sua forma física, já que para nós desempenham um papel essencial na transmissão de crenças, valores e conhecimentos. Estes, também refletem as ideologias, tradições e visões do mundo e da sua sociedade. Dessa forma, mais do que simples suportes tangíveis, os documentos são veículos de significado e ação humana que ligam o passado ao presente e influenciam a construção da identidade cultural e a perpetuação das crenças ao longo do tempo. Desta forma, a materialidade que caracteriza o objeto documento torna-se secundária diante da sua função simbólica e acima de tudo comunicativa.

## REFERÊNCIAS

ALVARES, L. & ARAÚJO, Júnior (2010), “Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais”. *TransInformação*, n.º 22 (3), pp. 195-205. Consultado a 15/01/2025 em <[https://www.researchgate.net/publication/307676972\\_Marcos\\_historicos\\_da\\_ciencia\\_da\\_informacao\\_breve\\_cronologia\\_dos\\_pioneiros\\_das\\_obras\\_classicas\\_e\\_dos\\_eventos\\_fundamentais](https://www.researchgate.net/publication/307676972_Marcos_historicos_da_ciencia_da_informacao_breve_cronologia_dos_pioneiros_das_obras_classicas_e_dos_eventos_fundamentais)>.

DIÁRIO DA RÉPUBLICA PORTUGUESA (2025). *Lexionário: Património*. Consultado a 05/12/2024 em <<https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/patrimonio>>.

BRIET, S. (1951), *Qu'est-ce la documentation?* Paris: Éditions documentaires industrielles et techniques.

EUROPEANA, *Handkors, kors, hand cross, cross*. Museum of Ethnography, Sweden. Consultado a 30/11/2024 em <[https://www.europeana.eu/pt/item/91619/SMVK\\_EM\\_objekt\\_2968075](https://www.europeana.eu/pt/item/91619/SMVK_EM_objekt_2968075)>.

EUROPEANA, *Biblia*. University Library Würzburg, Germany. Consultado a 30/11/2024 em <[https://www.europeana.eu/item/2048424/item\\_ZC5KG5RZYBYRL54PKNN544IQ7BN7OA6J](https://www.europeana.eu/item/2048424/item_ZC5KG5RZYBYRL54PKNN544IQ7BN7OA6J)>.

LE GOFF, J. (1981), *Enciclopédia Einaudi: Documento-Monumento: “Os materiais da memória coletiva e da história”*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PASCAL, E. (2005), “Belief as a Disposition to Act: Variations on a Pragmatist Theme: Cognition”. *Revista de Filosofia*, n.º 6 (2), pp. 167-185. fhal-03703034f.

PRATA, T. (2022), “A teoria disposicional de Searle e o problema de causação mental inconsciente”. *Revista Filosófica de Coimbra*, n.º 31. Consultado a 22/05/2025 em <<https://impactum-journals.uc.pt/rfc/article/view/9637>>.

RODRÍGUEZ BRAVO, B. (2002), *El Focumento entre la tradición y la renovación*. Gijón Asturias: Ediciones Trea. ISBN: 84-9704-052-X.

SILVA, A. M. & RIBEIRO, F. (2002), *Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação: Ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento.

SILVA, A. M. (2006), *Informação: Da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento.

TYLER, E. (1870). *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization*. London: John Murray. Consultado a 07/01/2025 em <[https://books.google.pt/books?id=AIMIAAAQAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.pt/books?id=AIMIAAAQAAJ&redir_esc=y)>.

TYLER, E. B. (1881), *Anthropology an introduction to the study of man and civilization*. London: Macmillan and Co.

WIKIPÉDIA (2024), “Património Cultural”. Consultado a 02/12/2024 em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio\\_cultural](https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_cultural)>.